CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

UniCEUB CURSO DE LETRAS

A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO HUMANA E CRÍTICA NA ERA DIGITAL

Por Mariana Pamplona Baya Bernardes, 72261356

Trabalho de Conclusão de Curso sob a Orientação do Prof(a) Sandra Mara Bessa como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras do Centro Universitário de Brasília.

Brasília, DF - 2026

A literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cerca; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (Tzvetan Todorov)

A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO HUMANA E CRÍTICA NA ERA DIGITAL

Resumo: O presente artigo busca apresentar, por meio de uma revisão bibliográfica sobre o tema, a importância da leitura literária no momento atual da era digital, em que as plataformas produzem gradativamente textos superficiais e imediatistas e reduzem os leitores a consumidores e/ou a um mero conjunto de dados. A problematização centra-se em como a literatura pode contribuir no desenvolvimento de reflexões profundas e na ampliação de repertório sociocultural na contemporaneidade, para além da escolha dos algoritmos. Os objetivos são o de compreender o impacto da cultura digital na leitura, ampliar a percepção da necessidade de um letramento literário eficaz e ainda reconhecer a responsabilidade da escola na formação do leitor crítico; evidenciando que o letramento digital não consegue sozinho abarcar as aprendizagens essenciais que o aluno precisa para uma vivência plena da linguagem e sua formação integral.

Palavras-chaves: Educação; Letramentos; Literatura

1. Introdução

Os adolescentes estão cada vez mais conectados e envolvidos no ambiente digital, o qual oferece constantemente, a partir de visualizações instantâneas e rolagens infinitas, textos multimodais e multissemióticos. Esses textos, típicos da cultura *on-line*, por sua vez, são curtos, fragmentados e marcados pela hipertextualidade e superficialidade, não permitindo reflexões mais aprofundadas, dado que os próprios meios em que se encontram são dinâmicos, imediatistas e repleto de estímulos.

Embora o letramento digital ofereça uma apropriação relevante dos gêneros textuais digitais no contexto contemporâneo da leitura, este estudo busca reforçar e resgatar a força do letramento literário, visto que a literatura proporciona benefícios inigualáveis no que diz respeito à ampliação lexical e sintática; leitura profunda; expansão do repertório cultural e desenvolvimento de pensamento crítico.

Assim sendo, essa investigação é norteada pelo fato de a literatura ser considerada uma eterna fonte de conhecimento humano e pelo seu importante papel numa cultura dominada pelo excesso de informações e pelos textos superficiais da Internet, os quais muitas vezes são recebidos passivamente pelo receptor por meio dos algoritmos.

Seu objetivo central, portanto, está em compreender como esse tipo de leitura, a literária, pode contribuir significativamente no processo de formação humana e crítica do adolescente na era digital. Como objetivos específicos, pretende-se: ampliar a percepção sobre a importância da leitura profunda e do letramento literário; compreender o impacto da cultura digital na formação do leitor; reconhecer a importância do papel da escola na formação de um leitor crítico.

A relevância desta pesquisa, portanto, está em evidenciar que o letramento literário, na contemporaneidade, é tão necessário nos currículos escolares quanto o letramento digital e que não deve ser negligenciado ou realizado de forma simplista, devido o risco de não se contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano, como preconizam tantos documentos que tratam da necessidade dessa formação.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Leitura e poder

Não há neutralidade e casualidade nos ataques aos livros ao longo da história da humanidade. De acordo com Baéz (2004), já são mais de cinco séculos que o ser humano destrói esses objetos de grande valor cultural e memorial, principalmente quando advindos dos regimes totalitários: desde as tabletas da Suméria e papiros do Egito até a queima dos livros da época da Dinastia Qin na China, da Biblioteca de Alexandria; do período de Inquisição pela Igreja Católica; da Alemanha Nazista; do Estado Novo de Getúlio Vargas e, já no século XXI, da Biblioteca Nacional de Bagdá.

As justificativas para destruição dos livros, independentemente da época, sempre foram muito semelhantes: a de que esses objetos são maléficos para a sociedade, pois trazem em suas páginas a subversão, a heresia e/ou a imoralidade. Obviamente, devido à existência da diversidade de pensamentos, em algum momento, esses argumentos foram questionados e acabaram evidenciando as verdadeiras intenções de quem tem como projeto o desaparecimento de certas obras (ou todas elas), afinal: “faz-se a destruição contra tudo o que se considera ameaça direta ou indireta a um valor considerado superior” (Baez, 2004, p.19).

Isso fica claro, por exemplo, tanto no nazismo na Alemanha com Hitler, que incentivou a queima, em praça pública, de milhares de obras literárias que eram consideradas contrárias ao seu regime; quanto na atualidade, no ano de 2026, com o presidente dos EUA, Donald Trump, que promoveu o banimento de vários títulos em órgãos federais, bibliotecas públicas e escolas que abordam principalmente temas como: diversidade, racismo e feminismo.

Pode-se dizer também que o movimento de censura aos livros apresenta, concomitantemente, uma tentativa de controle de narrativas, pois só é permitido que chegue ao povo, o que é interessante para a ideologia imposta. Tal como fez o ditador alemão já citado, que não só se utilizou de massivas propagandas para alinhar culturalmente e socialmente seus objetivos nazistas e incentivar a destruição brutal dos livros, como também escreveu o seu próprio, o " Mein Kampf " (Minha Luta), o qual promovia os principais princípios do seu regime.

O que sempre esteve em jogo (e ainda está), portanto, é o acesso à liberdade e ao saber que se adquire com a leitura. Ou melhor, aos diversos saberes existentes e às diversas possibilidades de estar no mundo, visto que o ato de ler permite não só o acesso às ideias, mas também a possibilidade de ação a partir do que foi lido, como o questionar imposições de verdades absolutas de seu tempo.

2.2 Leitura: relevância na vida do indivíduo

Há um vasto número de pesquisadores - provenientes, inclusive, de várias áreas do conhecimento, como a Educação, Filosofia, Neurologia, História, Sociologia e Linguística - que destacam a relevância da leitura na vida do indivíduo.

Na linha da neurociência, a especialista em leitura, Maryanne Wolf, afirma que o próprio ato de ler já é um grande desafio realizado pelo ser humano, visto que não é algo predisposto geneticamente como a linguagem e a visão e sim algo a ser aprendido. Segundo a estudiosa, ler é quase um "milagre" porque além de estimular o cérebro a ir além de sua capacidade original, gera uma infinidade de novas atividades neuronais que transmitem sinais e "cruzam múltiplas regiões e todas as

cinco camadas do cérebro (visão, linguagem, cognição, motora e afeto)" (Wolf, 2019, p. 26).

Corroborando as proposições de Wolf, o neurocientista cognitivo Michel Desmurget diz que a leitura é uma competência essencial para o homem organizar suas ideias e civilizar a sua relação com o mundo, dado que ela é:

> [...] uma verdadeira máquina para moldar a inteligência em sua dimensão cognitiva (aquela que permite pensar, refletir e raciocinar), e também, de maneira mais ampla, socioemocional (aquela que permite entender a si mesmo e aos outros, para benefício das relações sociais). (Desmurget, 2023, p.19)

Na área da Educação, Koch e Elias (2011) reiteram que a leitura é um trabalho ativo e constante do sujeito a partir das circunstâncias em que ele se encontra. No entendimento destas linguistas, ler é uma atividade interativa na qual o leitor contribui para a construção do sentido do texto dialogicamente com o autor, a partir da mobilização de estratégias como: recursos linguísticos, cognitivos e conhecimento de mundo. Ou seja, a cada leitura, o leitor faz o uso de analogias e inferências e explora sua bagagem cultural, incluindo, é claro, o conhecimento adquirido em leituras anteriores.

Paulo Freire (2021) reforça ainda que o ato de ler pode amplificar o poder de emancipação e ação do ser humano. Para ele, como verificado em suas experiências de alfabetização com trabalhadores adultos, a leitura pode estimular o indivíduo a analisar criticamente a sua realidade e torná-lo agente ativo e transformador, principalmente, na comunidade em que vive. Ler, para o educador, é uma atividade que oferece ao indivíduo não só o mundo das letras, mas também o protagonismo e a autonomia diante de sua própria vida.

Dessa maneira, nota-se que ler não é uma prática simples de decodificação e nem termina em si mesma. Palavras, frases e livros lidos possibilitam a geração permanente de conhecimento e de desenvolvimento do sujeito, visto que ela revela questões humanas, fomenta questionamentos, movimenta diálogos e ainda contribui para possíveis soluções de dilemas do momento histórico em que se encontra o leitor; assim como reconhecido e preconizado pela BNCC :

> O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades.(Brasil, 2018, p. 71)

E aqui está um ponto que não deve ser abandonado pelas sociedades democráticas: como a leitura não é algo inato e o indivíduo depende do outro para aprender a ler e desenvolver habilidades de análise crítica, essa atividade deve ser vista como um aprendizado ao alcance de todos e não como um privilégio como ocorreu ao longo da história humana; seja na época anterior à prensa de Gutemberg, em que o acesso aos livros era restrito apenas às elites e a Igreja, ou, na contemporaneidade, em que a desigualdade social restringe de alguma forma o acesso à leitura de forma plena para todos.

Não é de se espantar, portanto, como apresentado no início deste artigo, o motivo pelo qual as sociedades totalitárias desejam não só impedir o acesso, mas também tornar os livros, "vilões" da sociedade. Afinal de contas, como massificar/ doutrinar uma sociedade inteira a partir de uma única ideologia, se cada indivíduo pertencente a essa sociedade for capaz de realizar a sua própria análise e reflexão sobre o texto lido, ou melhor, sobre várias obras lidas?

2.3 Leitura: ler em um mundo digital

Com as telas cada vez mais onipresentes na sociedade contemporânea, principalmente a do *smartphone*, a leitura no ambiente digital já ocupa um lugar significativo na vida dos adolescentes, os quais têm acesso não só a uma quantidade maior de informações como também a novos tipos de textos que surgem à medida que outras formas de comunicação emergem.

Mensagens instantâneas, Posts, Reels, Memes e Stories são alguns desses gêneros textuais digitais resultantes das novas formas de circulação da informação e interação. Esses textos apresentam características típicas do meio online, tais como: a multimodalidade - união da linguagem verbal (palavras escritas e faladas) e da

não verbal (imagens, gestos, cores) para construção de significados; a hipertextualidade - possibilidade de conectar a outro texto (quebra da linearidade) via hiperlinks; a objetividade - períodos mais curtos em sua estrutura e a dinamicidade - produção, acesso e compartilhamento contínuo e acelerado de textos. Tudo isso num ambiente instável onde tudo muda o tempo todo e onde uma informação é substituída por outra em questão de segundos.

Assim como os outros textos existentes, nota-se que os textos digitais se adequaram às condições de produção do meio em que estão inseridos para atender necessidades de comunicação específicas. Duas das maiores adequações foi em relação ao dinamismo da Internet (principalmente ao das redes sociais) e à disponibilidade imediata da leitura, que pode ser feita em qualquer lugar e em qualquer hora nos variados dispositivos eletrônicos móveis, como os *smartphones*, *tablets* e *notebooks*.

Para além da grande quantidade de textos informacionais que surgiram com o avanço da tecnologia e da comunicação, os textos literários também marcam sua presença no mundo virtual. Crônicas, contos, romances e poesias podem ser encontrados em sites, redes sociais, blogs e até em mensagens de Whatsapp. Contudo, mesmo com uma maior acessibilidade à leitura literária, ainda há uma grande preocupação em captar a atenção do leitor/usuário e, consequentemente, uma maior predominância de outros gêneros que tenham uma linguagem mais direta, objetiva e de fácil assimilação.

No espaço escolar, esse movimento crescente de leitura de textos on-line acabou instigando os educadores a trabalharem com o letramento digital, o qual visa facilitar o desenvolvimento da capacidade de ler, compreender e produzir textos que se utilizam de diversas linguagens e de diferentes recursos de comunicação. O letramento, em questão, também tem sido essencial para desenvolver a capacidade de utilizar eticamente, crítica e saudavelmente as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), bem como a de analisar informações e identificar notícias falsas.

Outro ponto a ser destacado é que os textos digitais têm alterado significativamente a relação dos indivíduos com a leitura, principalmente no que se

refere à forma que se lê e ao tempo dedicado a essa atividade. A imediatez, o excesso de estímulos e de informações, somados aos algoritmos que determinam continuamente o que se deve ver, tem exigido do leitor mudanças rápidas de foco e deixado pouco tempo para uma verdadeira imersão em cada texto e consequentemente pouco espaço para análises mais aprofundadas sobre o que realmente está sendo comunicado.

Isso pode ser observado na dificuldade em demorar-se num único texto na Internet, pois ela provoca uma necessidade imensa de produção e de consumo de informações incessantes e despreocupadas de fundamentações e/ou verdades (como ocorre nos stories do Instagram e nos shorts do Youtube) comprovando, segundo Han (2022), que o que movimenta essa cultura digital não é o conhecimento e sim a velocidade e a quantidade informacional.

Para o adolescente essa questão ainda é mais delicada. Devido ao fato de seu córtex pré-frontal ainda não estar totalmente desenvolvido, eles ficam mais suscetíveis ao excesso e à dependência das telas e facilmente perdem o interesse por textos que exijam paciência e tempo de leitura, podendo inclusive “regredir para uma falta de paciência cognitiva diante do pensamento crítico e analítivo exigente e para uma incapacidade concomitante de adquirir a persistência cognitiva” (Wolf, 2019, p. 111).

Essa hiperatenção contínua e perda de foco ainda pode fazer com que o indivíduo não tenha oportunidade de fazer analogias e inferências importantes para a compreensão dos textos e nem exercite a sua capacidade de refletir criticamente para assim ampliar seu conhecimento a partir do que foi lido. Aliás, essas reflexões narrativas são indesejáveis para as plataformas digitais, já que para elas os dados são muito mais valiosos, assim “quanto menos se narra, mais se acumulam dados e informações” (Han, 2023, p. 52).

As redes sociais são um excelente exemplo para demonstrar o real objetivo dessa superficialidade da leitura proporcionada pelo meio digital. Através dos seus algoritmos, o sujeito é incentivado a consumir cada vez mais informações (infinitas sequências de fotos de curta duração, textos não lineares, vídeos curtos simplistas com fórmulas prontas, filtros, textos escritos com utilização exclusiva de IA) sem

nenhum intuito de ampliar seu conhecimento e sim de mantê-lo cada vez mais conectado para a conversão da sua vida em registro, pois “quanto mais dados forem coletados sobre uma pessoa, melhor ela poderá ser monitorada, controlada e explorada economicamente” (Han, 2023, p. 52).

É irrefutável que a Internet, em especial as redes, revolucionaram a comunicação em todos os âmbitos da vida das pessoas; permitiram a interação instantânea entre indivíduos de diferentes partes do planeta; ampliaram a produção de conteúdo autoral e proporcionaram a democratização da leitura como nunca visto na história. No entanto, não se pode deixar de destacar que é evidente que esta forma não linear e instantânea de leitura trazida pelo ambiente digital tem contribuído para o afastamento das leituras que demandam mais dedicação. Isso ocorre, inclusive, devido à plasticidade natural do cérebro, o qual é passível de mudança conforme o tipo de leitura que é realizada. Logo, quanto mais acesso à informações fragmentadas, mais o cérebro induzirá o leitor a buscar “informações facilmente digeríveis, menos densas e intelectualmente menos exigentes” (Wolf, 2019, p. 20).

Por essa razão, é fundamental ter o entendimento de que é preciso estar atento ao hábito frequente e ascendente da leitura de textos superficiais e sem profundidade das plataformas, sendo que esses não devem ser a única ou a principal fonte de leitura , posto que a construção do pensamento crítico do indivíduo não é passível de ser desenvolvido plenamente sob a influência e a velocidade dos algoritmos, nem com a dispersão trazida pelos hiperlinks.

2.4 Literatura: transformação individual e coletiva

Por exigir uma maior presença e qualidade de atenção diante de narrativas mais profundas, a literatura tira o leitor da passividade e o convoca a mergulhar e refletir não só o mundo sobre o qual está lendo, mas também o seu próprio.

Uma excelente obra para ilustrar essa imersão é *Grande Sertão Veredas,* de Guimarães Rosa. Ao convidar o leitor a participar da vida de Riobaldo, o autor não só o conduz a acompanhar as histórias de um jagunço, mas também o coloca ao lado de um protagonista que busca respostas para seus dilemas e dores

existenciais, como o bem, o mal e o amor. Esse romance leva esse leitor para as profundezas da mente desse personagem, para o ambiente do sertão e para dentro de si, exigindo de quem lê, portanto, um certo aprofundamento reflexivo que se dá a partir da existência de sentimentos comuns aos humanos, como a alegria e a tristeza, tal como no seguinte trecho: " O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais,no meio da alegria e inda mais alegre ainda no meio da tristeza!" (Rosa, 1994, p.449).

E é esse justamente um dos motivos que torna possível a introspecção a partir dos textos literários: eles estão sempre a revelar algo próprio da condição humana. Desejos, medos, angústias, alegrias, raiva, indignação podem ser vistos e sentidos levando o leitor, de acordo com Todorov (2010), ao seu estado particular no qual ele sente, compreende e vivencia melhor seus pensamentos e sentimentos, bem como os dos outros indivíduos , isto é, a literatura possibilita uma "transformação por dentro".

Cosson (2026) afirma que essa expansão do próprio universo interno oferecida pela literatura pode expandir também a consciência da existência do outro, permitindo que o leitor vive outras vidas e amplie suas visões de mundo mais facilmente:

> Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim, sem a renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção" (Cosson, 2026, p. 17).

Este convite democrático para enxergar a sua própria vida e a do outro por diversos ângulos, é também uma espécie de exercício de emancipação e autonomia, visto que há a possibilidade, por exemplo, de enxergar e questionar crenças enraizadas, preconceitos e padrões adoecidos da sociedade e desenvolver o desejo genuíno de se libertar delas e agir em prol da melhoria do mundo. Sartre diz, inclusive, que ao escrever, o escritor está, na verdade, dirigindo sua liberdade à liberdade de quem o lê, a partir do paradoxo dialético da leitura: "quanto mais

experimentamos a nossa liberdade, mais reconhecemos a do outro; quanto mais ele exige de nós, mais exigimos dele" (Sartre, 2026, p.43).

Um outro aspecto fundamental da literatura é que ela pode ser uma fonte de memória coletiva e de transmissão de saberes capaz de revelar não só costumes e fatos antigos, como também um rico repertório de aprendizagens que possam gerar debates e reflexões para que erros não sejam repetidos e para que haja uma projeção de um futuro melhor do que o apresentado na história, tal como O *diário de Anne Frank,* que relata momentos vividos num esconderijo por um grupo judeus que sofreu com o nazismo da Segunda Guerra Mundial.

É também, a partir dos textos literários, devido a imensa variedade das palavras e da forma atenta que o autor as utiliza para fazer sentido, que o indivíduo consegue expandir seu vocabulário, refinar suas escolhas sintáticas e desenvolver habilidades narrativas e argumentativas mais elaboradas para a produção de seus próprios textos e para lidar, como pontua Desmurget (2023), com textos cada vez mais diversos e desafiadores ao longo de sua vida.

Na perspectiva de Cosson (2026) a relevância da literatura está também na oportunidade de tornar o mundo compreensível :

> A ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos (Cosson, 2026, p. 17).

Em suma, a literatura é um material rico para o desenvolvimento e amadurecimento do pensamento social, político e emocional do sujeito. É ela que, de geração em geração, mantém-se presente no combate à falta de reflexão e ao embrutecimento. É ela que também rompe com o pensamento único dando espaço para o que tem de profundo e plural na existência humana.

3. Método

Para atingir os objetivos foi realizada uma pesquisa bibliográfica que se iniciou em artigos e documentos publicados, principalmente, na BNCC, no Glossário Ceale e em periódicos da UFMG, do CEUB e da UNIVESP.

Com base nas leituras citadas, obteve-se acesso a livros físicos, como o de Sartre, *Que é literatura?* e a obra *Vários ensaios* de Antônio Cândido. Também foram assistidos vídeos publicados por instituições de ensino superior, como o debate realizado pelo Ceale que marcou o encontro do professor Jordi Garcia Ferreiro (Universidade de Barcelona) com a professora e pesquisadora Mônica Daisy Vieira Araújo (UFMG).

O período de pesquisa compreendeu entre os meses de julho a outubro, momento em que também foram analisadas informações da pesquisa Retratos da Leitura 2026. Foram priorizados textos referentes ao período de 2019 a 2026, com algumas exceções como o clássico de Todorov, *A literatura em perigo* (2010).

Esta investigação buscou evidenciar a realidade da leitura e a relevância da literatura nos dias atuais e foi baseada em autores renomados como: Maryanne Wolf (2019) e Desmurget (2023) e seus estudos sobre o cérebro e a leitura na era digital; Rildo Cosson (2026) sobre como o letramento literário pode ser uma atividade significativa, e Byung-Chul Han (2022) com o ensaio que traz a relação da influência da digitalização do mundo e a crise da democracia.

4. Resultados e Discussões

Visto que o cérebro possui a capacidade de se reconfigurar e adaptar a novas situações e aprendizados, entende-se que o ser humano se adequou rapidamente aos textos fragmentados e à hiperatenção contínua dos conteúdos entregues pela Internet, em especial, pelas redes sociais. Sabe-se também que, da mesma forma, essa neuroplasticidade do cérebro pode levar o mesmo indivíduo a (re)conectar-se com a leitura profunda e adquirir habilidades cognitivas, linguísticas e socioemocionais que só a literatura pode oferecer. E é por isso, que convém insistir na construção do hábito de ler textos literários, de preferência os que não estejam em suportes digitais para que o leitor, principalmente as crianças e os adolescentes que estão em processo de formação, tenha menos chance de se distrair e de interromper sua leitura, devido à presença (insistência) dos hiperlinks ou de outras atividades de acesso imediato como jogos online ou redes sociais.

A literatura, diferentemente da maior parte dos textos que se apresentam digitalmente, está sempre convocando o leitor a experimentar e vivenciar sentimentos, relatos e histórias que ele pode se identificar imediatamente ou não. De toda forma, quanto mais esse leitor lê sobre o outro (personagens), a partir do outro (autor), mais ele terá a chance de desenvolver a empatia e a capacidade de compreender e respeitar as diversas formas de estar no mundo. Isso se deve porque ao se indignar, chorar, rir ou se revoltar diante de uma narrativa, esse indivíduo acaba acessando e organizando suas percepções éticas, sociais e políticas para criar um sentido para a história e ao mesmo tempo para sua própria vida.

Essa conexão entre o texto literário e o leitor ocorre, segundo Han (2023), porque a história no seu sentido autêntico lhe confere identidade e coesão social, já que esse tipo de narrativa “contém propostas de sentido e transportam valores constitutivos de uma comunidade”; exatamente o contrário do que ocorre nas redes, que, por sua vez, transformam-nas em mercadorias e acabam reduzindo tudo a dados e a consumo, retirando as pessoas da vida em si e transformando-as em meros consumidores preocupados com seu próprio ego e não com o melhoramento da sociedade em geral.

Contudo, há muito o que se trabalhar para construir uma ponte sólida que (re)conecte o brasileiro com a leitura mais profunda em tempos digitais. De acordo com a última pesquisa Retratos da Leitura, em sua sexta edição, realizada pelo Instituto Pró-livro, o Brasil possui mais pessoas consideradas não-leitoras do que leitores. São 53% dos brasileiros que não leram nem sequer um livro inteiro nos últimos 3 meses. E não é coincidência que as atividades mais realizadas no tempo livre por todos entrevistados (leitores e não leitores) e as que mais estejam crescendo ao longo dos anos, sejam as atividades online, tais como: *uso da Internet* (78%), *uso do Whatsapp ou Telegram* (71%), *assistir vídeos ou filmes em casa* (53%) e *uso do Facebook, Twitter ou Instagram* (49%); sendo que a leitura de *livros em papel ou digital* apresentou apenas 24% da preferência (número que, inclusive, decresceu da penúltima pesquisa de 2019 para essa mais recente de 2024).

Tais dados sobre leitura foram selecionados para este trabalho com a intenção de ilustrar a queda de leitores no país, a força da Internet na vida dos brasileiros atualmente e consequentemente para apontar o enfraquecimento da leitura profunda. Esse último ponto, inclusive, é de bastante apreensão quando se propõe a pensar sobre o que está sendo lido no lugar do livro, principalmente por esses não-leitores: essa interação nas redes têm oferecido textos que produzem a construção de conhecimentos ou são meramente textos recreativos? É o próprio leitor que escolhe o que lê, ou, estão "escolhendo" por ele? Esses são os únicos textos lidos ou há alguma outra fonte de informação e saberes?

As respostas a essas perguntas são de grande importância para entender como proceder diante de tanto tempo investido nas telas e nos textos digitais, pois *o que se lê* e *como se lê* reflete diretamente, conforme Wolf (2019), na formação dos circuitos de leitura, ora para mais sofisticados e mais profundos, ora para mais rasos e mais superficiais, afetando diretamente na formação leitora e consequentemente na humana.

Não se pode deixar de dizer que o letramento digital tem resolvido em parte essa questão da superficialidade da leitura na cultura digital e se apropriado dos textos multimodais e multissemióticos tão acessados contemporaneamente, porém é inegável que é o letramento e a leitura literária que dão ao indivíduo o poder de desenvolver habilidades e capacidades mais humanas e críticas para sua formação integral; a começar pelo contato com a imensa gama de riqueza vocabular e de construções sintáticas até as leituras que trazem subjetividades profundas a serem exploradas e as quais não se encontram nos textos online, devido às próprias características inerentes ao meio.

Trata-se realmente de um desafio e tanto, principalmente para as escolas promoverem leituras profundas em um mundo dominado pela velocidade e impaciência de se refletir sobre o que foi lido. Obviamente o acesso à informação e a diversos textos com diferentes linguagens a qualquer hora na palma da mão, democratizou a leitura e a escrita e facilitou a interação entre os indivíduos dos quatro cantos do planeta. Contudo, segundo Desmurget (2023), o excesso de informações tem fragmentado a atenção, aumentado a busca constante pelo estímulo da tela (muitas vezes gerando dependência) e prejudicado a leitura de

textos mais densos que exigem mais de um cérebro que vive em constante hiperestimulação.

É por isso que quando se opta por negar o letramento literário, que é uma das únicas formas de se trabalhar profundamente e amplamente a leitura, ou reduzi-lo a uma mera caracterização de autores e escolas literárias, em plena cultura digital, também está sendo negado ao indivíduo oportunidades de expansão de pensamento para que ele realmente se veja e viva como um indivíduo livre.

Rildo Cosson traz exatamente essa questão para o debate sobre o ensino da Literatura. Ele defende a reforma, o fortalecimento e a ampliação do letramento literário nas escolas, a partir de uma prática mais significativa para a vida em si do estudante. Segundo ele, há uma falência na apropriação da leitura literária como linguagem, principalmente pelo fato de que não há um compromisso com o conhecimento que todo saber exige e que, portanto, nesse caso, "não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza" (Cosson, 2026, p. 23).

Esse mesmo autor ainda detalha que, para o ensino fundamental, a tendência têm sido a de abarcar a literatura como "qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia" e de dar preferência a gêneros textuais mais "curtos, contemporâneos e divertidos", como a crônica. Já no Ensino Médio, ele aponta que o aprendizado tem se restringido à literatura brasileira, a qual ainda é resumida apenas a uma história em ordem cronológica com alguns aspectos das escolas literárias e dos autores de cada época.

Pode-se dizer, então, que o que tem ocorrido na atualidade em relação à leitura, principalmente para os estudantes, é a hiperestimulação de textos no mundo digital associada a uma defasagem no trabalho de leituras mais profundas que discutam a própria condição humana, o que expõe a falha concreta no desenvolvimento das competências preconizadas para área de linguagens pela BNCC (2018), tais como: compreender a importância dos textos como construções humanas influenciadas por contextos históricos, sociais e culturais e como espaço de significação da realidade e expressão da realidade; explorar as diversas práticas de linguagem para ampliar sua participação social e para comunicação, reflexão,

resolução de conflitos e defesa de direitos humanos contribuindo para uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Essa fragilidade no ensino traz ainda outras questões a serem pensadas: que tipo de protagonistas as crianças e os adolescentes irão se tornar? Como desenvolver a autonomia dessa geração de jovens, se há um enfraquecimento sistemático da leitura profunda que desenvolve o pensamento crítico e amplia a liberdade de ser e estar no mundo? Como fazer com que as pessoas que se informam cada vez mais pelas redes não sejam engolidas pelo regime de informação, que é a "forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos" ? (HAN, 2022, p.7)

Todo esse contexto indica que é imprescindível que a escola, como espaço de aprendizagem e desenvolvimento integral, se disponha a deixar de lado as atividades literárias repetitivas e rasas e reconheça o letramento literário como uma prática social verdadeira, que proponha relações entre o texto, o aluno e a sociedade, tal como Rildo Cosson propõe:

> [...] fazer da leitura literária uma prática significativa para eles [professores e alunos] e a comunidade em que estão inseridos, uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e nos dizer a nós mesmos. Uma prática que tenha como princípio e fim o letramento literário. (Cosson, 2026, p. 46)

A proposta, portanto, é que o letramento literário, através da força transformadora da literatura, oportunize leituras que sejam verdadeiras propulsoras de conhecimentos que possam gerar pensamentos e movimentos reais na vida do estudante. Para isso, Cosson (2026, p. 23) diz que é preciso permitir :

> [...] que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso que todo saber exige. Nesse caso, é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola, a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária. Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo

os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar.

Assim, é importante também pensar intencionalmente em textos que possam ampliar o repertório sociocultural e emocional do aluno e fazer da literatura uma luz que ilumina, organiza e garante sua participação em uma cultura que, na prática, tem vivido a leitura de forma mecânica e passiva, na qual o algoritmo escolhe o que se lê e não estimula quaisquer reflexões, apenas as curtidas e os likes, tal como Maryanne Wolf tem alertado em seus estudos nos últimos anos sobre a falta do uso mais amplo do intelecto: "a atrofia e o gradual desuso de nossas capacidades reflexivas e analíticas como indivíduos são os piores inimigos de uma sociedade verdadeiramente democrática, qualquer que seja a razão, o meio ou a época." (Wolf, 2019, p. 232)

O que se revela aqui é que a democracia e a liberdade na contemporaneidade não será preservada apenas com o aprendizado e uso crítico e ético dos gêneros digitais. Para mantê-las em funcionamento, é preciso lutar contra a aparente autonomia que é oferecida no ambiente virtual, a qual é controlada por algoritmos que ditam incessantemente o que se deve ler, assistir e pensar, e desenvolver um letramento literário eficaz que construa uma base de leituras fortalecedoras, a partir de narrativas mais complexas e diversas, que permitam o leitor compreender o mundo do outro, ler a própria realidade e mobilizar criticamente o *tsunami* de informações digitais diárias.

Para ilustrar como a literatura pode contribuir para desenvolver a consciência e desautomatizar o olhar do leitor, pode-se pensar, por exemplo, em livros que denunciam como a própria ausência desse objeto e a escassez do conhecimento, alimentam a vulnerabilidade das pessoas, as quais também vão deixando de se ver como seres livres e pensantes. Tal como a história de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, que expõe como o analfabetismo retira totalmente a voz de Fabiano perante a violência e a exploração que ele e sua família sofrem, deixando-o totalmente indefeso, sem conseguir formular o seu próprio discurso e reivindicar sua situação, já que não consegue nomear o que sente e o que pensa para quem teoricamente poderia ajudar a resolver suas adversidades.

Fahrenheit 451, de Ray Bradbury, é outra referência de obra literária que coloca o leitor para refletir esse tema, pois retrata uma sociedade distópica na qual as pessoas passam suas vidas diante das telas da televisão as quais são seus meios de socialização, lazer e informação e cujos conteúdos são interativos e superficiais que não necessitam do "pensar". Nessa história (que não é muito diferente da realidade de hoje neste ponto), há um completo desinteresse pela literatura - que é considerada um "sofrimento" por sempre levantar questionamentos sobre a vida - a ponto de seus cidadãos acharem normal não só a proibição dos livros, como também a queima sistemática pelos bombeiros de todos exemplares que forem encontrados e classificando como criminoso, quem os lê.

A partir das breves análises das obras acima, pode-se afirmar também que a leitura literária descortina os olhos para a realidade, a partir das críticas e questionamentos presentes em sua narrativa, ou seja, ela também pode ser referida como "um instrumento consciente de desmascaramento,pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual " (Cândido, 2023, p. 202-203).

Cândido (2023) afirma ainda que a literatura está relacionada à luta pelos direitos humanos, a qual a própria sociedade opta por "restringir ou ampliar a fruição desse bem humanizado". Sendo que quando é enfraquecida ou retirada como uma vivência cultural, também exclui-se um direito do sujeito:

> A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (Cândido, 2023, p. 202)

Perante o exposto, a literatura precisa ser entendida como uma ferramenta crucial de resistência contra uma cultura digital que mercantiliza, esvazia os saberes e cultua o imediatismo, visto que ela que se mantém há séculos como fonte vital de transmissão de valores e saberes entre as diferentes culturas, mesmo diante do surgimento de diversas tecnologias. Além do mais, é a profundidade de sua leitura que vai conseguir demandar tempo, dedicação e envolvimento do leitor, tão necessários para a expansão do conhecimento na atualidade, visto que: "Não é

possível demorar em informações. A coação de aceleração inerente às informações recalca as práticas de tempo intensivo, cognitivas, como saber, experiência e compreensão.” (Han, 2022, p. 35)

Nesse sentido, não se deve menosprezar a força e o alcance ilimitado das redes, muito menos ignorar o fato de que há uma intenção (e um padrão para obter a atenção) por trás desse processo imediatista dos scrolls infinitos da leitura no digital, pois a superabundância de informações rasas somadas à ausência de leituras profundas, contribui para que o indivíduo abandone seu senso de humanidade e coletividade e se reduza a um ser egoísta, apático, sem atuação no seu meio, e, portanto, mais suscetível a cair em discursos vazios, manipulações e fake news tão presentes no cotidiano.

E por fim, é preciso questionar: de quem é o interesse em acabar com a atenção, a leitura profunda e o pensamento crítico? Quem se favorece com o desinteresse pela literatura ou pela falta da leitura de um povo? Não se tem presenciado uma forma contemporânea de queimar os livros? Afinal, “existe mais de uma maneira de queimar um livro. E o mundo está cheio de pessoas carregando fósforos acesos.” (Bradbury, 2020, p. 210)

5. Conclusões

Esta pesquisa demonstrou que não serão as plataformas digitais que farão do adolescente um bom leitor, muito menos um sujeito livre, pois a liberdade não está no acesso amplo às infinitas informações e possibilidades de participação autônoma de produção de conteúdo. Pelo contrário, ela está nas ferramentas e meios que justamente contribuem para compreender esse fato, tal como a literatura permite.

Recortes da realidade, textos fragmentados e imediatez exigem uma velocidade de leitura superficial que não permite reflexão e absorção de saberes importantes para explorar a complexidade humana. Isso só ocorrerá com leituras que ajam a favor da expansão do pensamento e da ideia de comunidade e não com as máquinas, que não conseguem ser coletivas e não trabalham a favor do

melhoramento do mundo, e sim do aprimoramento de dados para o mercado de consumo.

É por tudo o que foi apresentado neste artigo, que os livros precisam continuar companheiros relevantes da jornada humana e colaboradores da construção de identidades e da compreensão do mundo . São eles, principalmente os literários, que por meio dos dilemas, aventuras e conflitos de suas narrativas, vão apresentar e colocar em discussão quais valores se deseja ver numa sociedade democrática; e ainda resgatar os seres humanos da ignorância e da ideia imposta de que as máquinas que deveriam pensarem por eles.

Ciente de que é a escola onde se garante a maior parte do aprendizado referente às habilidades de ler, escrever e compreender, é nela que também se dará o desenvolvimento mais completo do letramento literário, da autonomia intelectual e crítica para uma formação plena e integral, em que seus alunos se tornem agentes de transformação e cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

Importante dizer que esse estudo não teve a intenção de desvalorizar os textos que se apresentam no ambiente online, nem de afirmar que o letramento digital é ineficaz ou desnecessário e sim de comprovar que esse processo de ensino aprendizagem precisa ser aliado e ter como base um letramento literário que se dedique em aumentar o repertório sociocultural dos alunos e contribuir para o desenvolvimento de seu pensamento humano e crítico. Afinal, um leitor que reflete e questiona consegue ler melhor o mundo e fica menos suscetível de se submeter às manipulações, fake news e discursos rasos, os quais têm prejudicado o indivíduo a construir e viver uma vida digna e plena.

É, assim, inadiável, na era digital, cuidar para que a literatura continue cumprindo a sua função humanizadora e se transforme num antídoto contra movimentos superficiais e mercantilistas tão presentes nas plataformas online, tendo sempre em mente que a leitura profunda é libertadora para o indivíduo e desesperador para quem deseja controlá-lo.

REFERÊNCIAS

BÁEZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros*: das tábuas à guerra do Iraque. Ediouro, 2004. Disponível em: https://www.ispsn.org/sites/default/files/documentos-virtuais/pdf/historia_universal_da_destruica_-_fernando_baez.pdf. Acesso em: 17 set. 2026.

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Globo, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://cdn.mec.gov.br/basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 04 out. 2026.

CÂNDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. São Paulo: Todavia, 2023.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário*: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2026.

DESMURGET, Michael. *Faça-os ler!*: para não criar cretinos digitais. São Paulo: Vestígio Editora, 2023.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2021.

HAN, Byung-Chul. *A crise da narração*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. *Infocracia*: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. 6. ed. 2024.Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 17 nov 2026.

KOCH, Ingedore Villaça, ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2011.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2026.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo.* Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

WOLF, Maryanne. *O cérebro no mundo digita*l: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.